

GERMAIN NOUVEAU, O “MENDIGO MÍSTICO”

Germain Nouveau (1851-1920), poeta e pintor, participa da renovação da poesia francesa da segunda metade do séc. XIX, juntamente, dentre outros, com Verlaine e Rimbaud, dos quais foi amigo pessoal, e com quem colaborou em revistas literárias como *La Renaissance*.

Sua dicção poética, de forte sugestão musical e lirismo, plasma-se a partir de uma linguagem anti-retórica, propositadamente singela, de fontes nitidamente hauridas no cancionero popular; tal qual revelam as traduções aqui estampadas: *Chanson de mendiant* “Canção de mendigo”, *Les Colombes* “As pombas” e *Fraternité* “Fraternidade”.

Nasceu o autor em Pourrières, pequena cidade do sul da França, em 1851. Tornou-se órfão muito cedo. Na juventude, após haver desistido de ingressar na carreira religiosa, muda-se para Paris, em 1872, onde frequenta os círculos parnasianos, travando contato com Charles Cros e Mallarmé. Vive dos frutos de uma pequena herança, logo dissipada. Dessa época é o seu poema (ou autoprofecia?) *Chanson de mendiant*, ele que efetivamente viria a se tornar um pedinte. No verão de 1874 faz amizade com Rimbaud, com quem erra por Londres. Deste recebe nítida influência imagética, como o demonstra o poema *Les colombes* “As pombas”, que guarda evidentes similitudes com o *Les corbeaux* “Os corvos” de Rimbaud.

Em 1879 começa os poemas que seriam coligidos posteriormente sob o título de *La Doctrine de l'Amour* “A Doutrina do Amor”. Nestes escritos, aqui representados por *Fraternité*, encontra-se o poeta em estado de inocência cristã, incólume às prescrições dogmatizantes da religião, o homem doando-se si mesmo e a seu semelhante mediante a entrega e o reconhecimento de uma natureza divina e erotizada, cada ser, do barco às ondas, do vinho às uvas, participando de uma vocação amorosa totalizante.

Passados alguns anos, o poeta sofrerá um incidente que o marcará para sempre, e que costuma ser interpretado como um eixo de mudança radical em sua vida e obra. Em 1891, Nouveau, que também era pintor, conseguira o posto de professor de francês e desenho no liceu de Janson-de-Sally. Um dia, em plena sala de aula, vê-se subitamente acometido de violenta crise nervosa; descalça-se diante

dos alunos, cai de joelhos, recita salmos e exclama repetidas vezes: “Ah! minhas crianças, como Deus é grande! Como Deus é grande!”. Já no meio do passeio público, para onde fugira, estende os braços como um crucificado, parando os transeuntes, e faz o sinal da cruz no chão, com o língua, sendo imediatamente recolhido ao Sanatório de Bicêtre. O diagnóstico médico aponta: “Delírio melancólico, estupor; alucinações auditivas, idéias místicas.”

Liberado do sanatório, Nouveau tentará ver-se reintegrado como professor, desta vez em Bruxelas, mas sem sucesso. Decide-se partir para Londres, refazendo a viagem de quase vinte anos antes com Rimbaud. De lá envia uma carta a sua irmã Laurence, que lhe reclamava notícias: “Com a vida que levo, não exija regularidade na correspondência; com espírito de indulgência, você achará boas razões para meu silêncio. Há uma nos salmos, é que *“mendicus sum et palper”* (mendigo sou e pobre)”. Retorna a Bruxelas, de onde escreve: “Todo o meu desejo é entrar na religião, não como irmão laico, se eu não for demasiado velho, e se me quiserem. Continue a pedir a Deus sua proteção por mim. A pobreza, esta virtude cristã, este estado de Nosso Senhor, esta vocação de Saint Labre, é hoje em dia *punida com prisão* na Europa. Pobre e infeliz Europa!” Na Espanha a Igreja o recusa, “por falta de vocação”. Nouveau decide-se viver segundo os evangelistas, e tem como modelo Benoît Labre, o santo mendigo que percorreu a Europa no século XVIII.

Na virada do século peregrina por Roma, Marselha, e a esta altura já se encontra reduzido ao estado de mendicância: vive nas ruas, toca violão, vende retratos aos passantes, e se alimenta da comida encontrada nas lixeiras públicas. Nessa época, contam os biógrafos, Cézanne, que havia participado com ele de exposições de pintura, encontra-o nas escadarias da Notre-Dame, e oferece-lhe esmola. Em 1911, decidido a escapar ao mundo, retorna à sua cidade natal, vivendo como um eremita no alto de uma montanha, à margem da estrada Aix-Brignole.

Por esta período, denunciando aquele jogo especular que lhe foi marca constante entre arte e vida, e que levou André Breton a afirmar que se tratava de um autor “acima e fora da Literatura”, para quem a arte não era um fim em si mesmo, mas “escritura” da própria vida —, Nouveau, impregnado do desejo de converter sua vida à imagem dos pregadores do Evangelho, renuncia a toda sua poesia pretérita, procurando, com isso, apagar de sua vida/obra os laivos de paganismo que lhe caracterizam. Chega mesmo a tentar impedir judicialmente a publicação, feita à sua revelia, das poesias reunidas em *La Doctrine de l'Amour*. Em testamento, ele que somente apresentara colaborações esparsas em revistas, exige de seus parentes que queimem toda sua correspondência e se oponham à publicação de qualquer verso seu. Nos últimos anos que lhe restavam de vida comporá o *Ave Maris Stella*, paráfrase rimada do hino à Virgem Maria, único livro publicado em vida com sua anuência.

Em 04 de abril de 1920 sua ausência ao ofício de Páscoa surpreende os vizinhos. Três dias após, a porta de sua choupana é forçada. Os que a abriram tiveram diante dos olhos um corpo seco, morto de inanição, estendido sobre um infecto catre. Calara-se aquele que outrora vaticinou seu próprio destino na *Canção de Mendigo*, o homem que vivia de esmolas, da piedade pública.

Mas o que este homem nos legou talvez tenha sido enfim também algo como uma moeda advinda da caridade, se bem que diferente daquela que oferecemos todos os dias aos infelizes e miseráveis que peregrinam como espantalhos pelas ruas das grandes cidades, barganha atenuada do fracasso de uma civilização. Os versos do “mendigo místico”, como era conhecido, e que enfim jamais quisera ser “poeta”, mas somente viver, como os evangelistas, dentro dos ideais da caridade cristã, são, muito acima do sectarismo religioso ou de qualquer juízo de valor, feitos de uma outra espécie de metal. Aquele que se tomado às mãos com cuidado e contrição, como em um sacramento, oferta-nos não cifras, e sim uma vida e uma obra tão trágica e indissociavelmente ligadas, que nos interroga não somente sobre a arte, mas sobre a cultura e o próprio sentido dos caminhos da contemporaneidade. Talvez, por isso mesmo, possamos nela encontrar, para além de tão-somente alguma bela poesia, um pequeno mas incomensurável tesouro.

Antônio Máximo Ferraz

CHANSON DE MENDIANT

Je fais mon train
En mendiant mon pain.

Là-bas sur la montagne
Je bâtis ma maison
Avec du blanc d'Espagne
Et des petits bâtons.

Je fais mon train
En mendiant mon pain.

Je n'ai qu'une chemise
Pour mon équipement
Et quand vient la lessive
Je la sèche au beau temps.

Je fais mon train
En mendiant mon pain.

Quand je vais à l'église,
On me fait comme au roi!
Tout le monde s'empresse
De s'éloigner de moi.

Je fais mon train
En mendiant mon pain.

Ce qu'on voit à ma suite
À mon enterrement,
Ce sont les poux, les puces
Qui s'en vont en pleurant.

Je fais mon train
En mendiant mon pain.

(Premiers poèmes)

CANÇÃO DE MENDIGO

Meu caminho trilhando
Meu pão vou mendigando.

Num alto monte afastado
Eu levantei o meu teto
Com pura argila erigido
Todo em fino graveto.

Meu caminho trilhando
Meu pão vou mendigando.

Uma camisa que eu levo
É meu só equipamento
E quando se dá que a lavo
Meu varal é o bom vento.

Meu caminho trilhando
Meu pão vou mendigando.

Quando a igreja eu visito,
Como um rei sou tratado!
Todo povo corre aflito
Pr'a me pôr distanciado.

Meu caminho trilhando
Meu pão vou mendigando.

E quando da minha extinção,
Corpo à terra baixando,
Minhas pulgas e piolhos são
Os que partem chorando.

Meu caminho trilhando
Meu pão vou mendigando.

LES COLOMBES

Ni tout noirs, ni tout verts, couleur
D'espérances jamais en fleur,
Les ifs balancent des colombes,
Et cela réjouit les tombes.

Elles éclatent, dans les ifs,
Ainsi que des fruits excessifs,
Effeillant leurs plumes perdues
Au vent des vieilles avenues.

Dans l'azur qui va s'éclairant,
En haut de l'arbre le plus grand,
Qui monte, tel qu'une fusée,
Une entre autres est balancée.

Sous ses beaux yeux délicieux
Elle semble, d'un coin des cieux,
Couvrir l'aurore qui s'est faite
Au fond du cimetière en fête.

Et chaque arbre, panache noir
Du plus minable désespoir,
Sous les blanches plumes en foule
Est un colombier qui roucoule.

Ces oiseaux, dont les voix sont soeurs,
Ces adorables obsesseurs,
Ce sont évidemment les âmes
Des demoiselles et des dames

Dont la tombe douce reluit
Et dont la lune, chaque mois,
Epelle, à ses lueurs glacées,
Les épitaphes insensées!

(Poèmes)

AS POMBAS

Nem negras ou verdes ao inteiro, cor
de esperança jamais em flor,
Os ciprestes balançam as pombas,
Rendendo gracejos às tumbas.

Elas brilham nos ciprestes,
Como frutas abundantes,
Despetalam suas plumas perdidas
No vento das velhas avenidas.

No alto céu, azulado lume,
A árvore maior, alto cume,
Como fogos ao longe galgando,
Umas e outras se vão balançando.

Sob deliciosos olhos de encanto
Parecem, do céu num canto,
Chocar uma aurora feita
No fundo do cemitério em festa.

E cada árvore, penacho negro
De um desespero ainda mais negro,
Na multidão de plumagem branca
É como um viveiro que canta.

Estes pássaros, cantos irmanados,
Uns adoráveis atormentados,
São evidentemente as almas
Das meninas e das damas

Cuja doce tumba reluz
E na qual a lua, por cada mês,
Soletra, com brilho gelado,
O epitáfio do absurdo!

FRATERNITÉ

Frère, ô doux mendiant qui chantes en plein vent,
Aime-toi, comme l'air du ciel aime le vent.

Frère, poussant les boeufs dans les mottes de terre,
Aime-toi, comme aux champs la glèbe aime la terre.

Frère, qui fais le vin du sang des raisins d'or,
Aime-toi, comme un cep aime ses grappes d'or.

Frère, qui fais le pain, croûte dorée et mie,
Aime-toi, comme au four la croûte aime la mie.

Frère, qui fais l'habit, joyeux tisseur de drap,
Aime-toi, comme en lui la laine aime le drap.

Frère, dont le bateau fend l'azur vert des vagues,
Aime-toi, comme en mer les flots aiment les vagues.

Frère, joueur de luth, gai marieur de sons,
Aime-toi, comme on sent la corde aimer les sons.

Mais en Dieu, Frère, sache aimer comme toi-même
Ton frère, et, quel qu'il soit, qu'il soit comme toi-même.

(La Doctrine de l'Amour)

FRATERNIDADE

Irmão, oh doce pedinte que canta em meio ao vento,
Ama-te, como o ar do céu ama o vento.

Irmão, conduzindo a manada nos montes de terra,
Ama-te, como a planta que germina ama a terra.

Irmão, que o vinho faz do sangue das uvas de ouro,
Ama-te, como a vinha ama os cachos de ouro.

Irmão, que o pão faz, cõe a dourada e miolo,
Ama-te, como ao forno a cõe ama o miolo.

Irmão, que a roupa faz, alegre tecelão do pano,
Ama-te, como nele a lã ama o pano.

Irmão, cujo barco fende o verde celeste das ondas,
Ama-te, como no mar a maré ama as ondas.

Irmão, o que tange o alaúde, alegre amante da música,
Ama-te, como a corda do alaúde ama a música.

Mas em Deus, Irmão, saiba amar como a ti mesmo
Teu irmão, e, quem ele seja, que seja como tu mesmo.

Tradução de Antônio Máximo Ferraz

ANTÔNIO MÁXIMO FERRAZ é bacharel em Direito pela Universidade de Brasília e mestrando em Literatura na mesma Universidade.